

DESIGN THINKING COMO POSSÍVEL ABORDAGEM NO PROCESSO CRIATIVO EM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

DESIGN THINKING AS A POSSIBLE APPROACH IN THE CREATIVE PROCESS OF STUDENTS WITH INTELLECTUAL DEFICIENCY

EMILEYNE MONTEIRO DE ABREU¹

DIONATAN SOUZA²

Resumo: A presente pesquisa teve como objetivo apresentar o uso do design thinking, como abordagem colaborativa no processo criativo dos alunos com deficiência intelectual. Acredita-se que o emprego desta abordagem possibilita o aumento da autonomia do aluno. Nesse contexto são apresentadas as etapas do design thinking a serem utilizadas no processo educativo, levando em consideração as limitações e comportamentos dos alunos analisados. Os resultados permitiram identificar um acréscimo na criatividade e uma melhor socialização do deficiente intelectual. Por esta razão, propõe-se o design thinking como uma abordagem colaborativa em alunos portadores de deficiência intelectual.

Palavras-chave: Deficiência intelectual; Criatividade; Processo criativo; Design thinking

Abstract: The present paper propose the use of the “design thinking” as a collaborative approach at the education of mentally retarded students. We believe that the use of this approach increases the student's autonomy as a creator. Therefore, this work aims to present the stages of the “design thinking” to be used during the learning process, without letting to consider the limitations and behaviors of the analyzed students. The results shown an increase in the creativity, and a better socialization of the mentally ill student. For this reason, the “design thinking” is proposed as a collaborative approach with students who have intellectual disabilities.

Keywords: Intellectual Disability; Creativity; Creative processes; Design Thinking;

Introdução

Quando a deficiência intelectual é relacionada com criatividade, nota-se a carência de estudos, visto que são poucos autores que defendem a ideia que qualquer indivíduo tem seu potencial criativo. Segundo Vigotski (1995), torna-se difícil encontrar criatividade em portadores de deficiência intelectual, pela maneira como a deficiência é incompreendida.

¹ Acadêmica do Curso Superior de Tecnologia em *Design* de Moda no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Araranguá, Santa Catarina, Brasil. E-mail: emimonteiroa@gmail.com

² Graduação em *Design* de Moda pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), e Especialização em Ensino Superior pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Araranguá, SC, Brasil. E-mail: dionatan.carlos@ifsc.edu.br.

A compreensão da deficiência intelectual é base desse estudo, na qual se descreve o surgimento dessa patologia, com a finalidade de compreensão de suas limitações intelectuais, adaptativas, dos critérios que envolvem o seu aprendizado e seu comportamento no meio social. Além disso, apresentam-se os processos criativos, compreendendo como a criatividade surge por meio de influências cotidianas. Neste âmbito, propõem-se o design thinking como uma possível abordagem auxiliadora no processo criativo de alunos portadores de deficiência intelectual.

O tema dessa pesquisa surgiu por meio de duas experiências vivenciadas durante a graduação de um dos autores. Em 2015, realizou-se um workshop com a abordagem do design thinking, ministrado por Igor Drudi, na empresa La Moda, situada em Criciúma/SC. Durante esse evento, trabalhou-se com a abordagem colaborativa do design thinking, gerando um conhecimento diferente, por meio de novos desafios e pessoas até então desconhecidas.

Em 2016, a participação em um projeto de extensão no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Araranguá, permitiu observar o comportamento de alunos portadores de deficiência intelectual enquanto pintavam camisetas. Isso permitiu identificar alunos criativos, mesmo limitados por suas deficiências. O design thinking tem como objetivo auxiliar o processo criativo, bem como suas técnicas aplicadas possibilitar uma maior autonomia no momento da criação. De acordo com Brown (2010, p.3) "O design thinking representa o próximo passo, que é colocar essas ferramentas nas mãos de pessoas que talvez nunca tenham pensado em si mesmas como designers e aplicá-las a uma variedade muito mais ampla de problemas". O design thinking traz uma abordagem inovadora, podendo ser aplicada a outras maneiras de solucionar problemas, não apenas no meio empresarial.

Nesse contexto, vislumbrou-se a possibilidade de aplicação do design thinking como auxiliar no processo criativo de alunos com deficiência intelectual. Portanto, o objetivo deste estudo é descrever possíveis limitações de pessoas portadoras de deficiência intelectual, bem como pensar o design thinking como uma abordagem colaborativa nos processos criativos destes. Ao fim, pretende-se identificar a criatividade na deficiência mental, relacionar essa patologia com a metodologia do design thinking e indicar uma possível abordagem da técnica como uma opção para trabalhar a criatividade dos mesmos.

1. Deficiência intelectual

A deficiência intelectual é uma patologia que ocorre em todas as culturas, independente de sexo, raça, etnia, rico ou pobre. A sociedade mantém ainda algumas dificuldades em mudanças de atitudes com pessoas que possuem deficiência intelectual, havendo várias resistências na aceitação, integração e compreensão da diferença (MORATO, 1998).

Ao longo da história, a deficiência mental foi abordada de diversas formas pela sociedade. Desde o misticismo, abandono, extermínio, caridade, segregação, exclusão, integração e, atualmente, o processo de inclusão. Por exemplo, segundo Pessoti (1984, p. 3), em Esparta, crianças portadoras de deficiências físicas ou mentais eram consideradas sub-humanas, o que legitimava sua eliminação ou abandono. Na idade média, como a igreja era a maior influenciadora e defendia o dualismo divino e demoníaco, a deficiência era relacionada a um fenômeno metafísico e espiritual. Os deficientes eram vistos como a união entre mãe e demônio e assim era a justificativa para que a mãe e criança fossem queimados em praça pública (SILVA & DESSEN, 2001).

No final da Idade Média, surgem as primeiras instituições para acolher crianças com deficiência. Estes lugares eram chamados de instituições de caridade e, com influência cristã, a criança com deficiência passava a ser considerada filha de Deus e possuidoras de

alma (SCHWARTZMAN, 1999, cit. In SILVA & DESSEN, 2001).

No contexto social, as pessoas com deficiência eram vistas como insignificantes na participação social, política e econômica e a pouca atenção recebida associava-se fortemente às crenças religiosas. Segundo Silva & Dessen (2001), nos séculos XVII e XVIII, à ideia de que a deficiência era algo metafísico ou espiritual foi sendo desconstruída, dando espaço para a compreensão de que a deficiência estava ligada diretamente a uma questão médica. Desta forma, os primeiros estudos científicos relacionados às áreas de psiquiatria e psicologia surgiram a partir do século XIX, resultando na preocupação com a responsabilidade social com estes indivíduos.

1.2. Características específicas da pessoa com deficiência intelectual

Durante anos, o conceito sobre deficiência intelectual passou por diferentes formas de caracterização. Conforme os estudos foram avançando, houve uma melhoria na compreensão dessa patologia. Em 1978, o I Congresso Mundial abordou sobre o Futuro da Educação Especial, aprovou a definição sobre a Deficiência Intelectual, contribuindo para uma melhor compreensão sobre essa patologia.

A deficiência mental refere-se a um funcionamento cognitivo geral inferior à média, independentemente da etiologia, manifestando-se durante o período de desenvolvimento, o qual é de uma severidade tal que marcadamente limita também a sua capacidade de autocontrole e de relação com o envolvimento (VIEIRA & PEREIRA, 2003, p.43)

Na primeira definição, a deficiência mental é uma patologia que causa atrasos no processo de desenvolvimento mental. O portador dessa deficiência sofre com limitações no momento da sua aprendizagem. Quando envolvido socialmente, recebe cuidados, pois em sua maioria não possuem autocontrole. Segundo a Associação Americana de Deficiência Mental (AAMR), em sua 9ª edição em 1992, a deficiência mental teve sua característica alterada a fim de ampliar as possibilidades de compreensão.

A deficiência mental refere-se a limitações substanciais no funcionamento intelectual geral abaixo da média, coexistindo com limitações relacionadas em duas ou mais seguintes áreas do comportamento adaptativo: Comunicação; tomar conta de si; vida doméstica; capacidades sociais; uso dos recursos da comunidade; autodeterminação; saúde e segurança; funcionamento acadêmico; lazer e trabalho (AMERICAN ASSOCIATION ON MENTAL RETARDATION, 1992, p.1, cit in. CLAUDINO, 1997).

Nesta segunda definição, são apresentados os referenciais de comportamento da pessoa com deficiência, buscando explicar suas principais limitações em seus relacionamentos e aprendizagem. Embora apresentando comportamentos parecidos, as experiências ambientais e de constituição biológica acabam tornando cada diagnóstico diferente (SANTOS & MORATO, 2002). Cada indivíduo portador da deficiência tem sua característica própria e comportamento pessoal e social. Entre as características específicas para diferenciar as pessoas com deficiência intelectual, temos as seguintes questões:

Questões físicas: dificuldade de locomoção; dificuldade de manipulação; dificuldade de coordenação; falta de equilíbrio. Já as questões pessoais estão relacionadas a falta de autocontrole; ansiedade; possível existência de perturbações da personalidade; Tendência para evitar situações de fracasso mais do que para procurar o êxito e também temos as questões sociais como: atraso evolutivo em situações de lazer; atraso evolutivo em situações de jogo; atraso evolutivo em situações de atividade sexual (MATOS, 2011, p.18).

Os comportamentos apresentados acima são muito variáveis, cada indivíduo portador da deficiência intelectual pode apresentar apenas algumas das questões ou todas, dependendo dos seus fatores genéticos, ambientais, comportamentais e pessoais. Leva-se em consideração que cada questão tem suas limitações e seus cuidados especiais, buscam-se sempre a compreensão e entendimento para ser trabalhado com cada indivíduo portador dessa patologia. Segundo a AAMR (1992), são considerados os padrões culturais e linguísticos os principais fatores para diagnosticar a pessoa com deficiência. Existem as limitações nos padrões de adaptação no meio cultural e adaptações mais específicas. Carvalho e Maciel (2003) citam que, segundo o Sistema 2002, para diagnosticar a pessoa com deficiência existe três critérios no qual deve ser observado: (a) o funcionamento intelectual, (b) o comportamento adaptativo, e (c) a idade de início das manifestações ou sinais indicativos de atraso no desenvolvimento.

A deficiência intelectual geralmente é percebida quando a criança começa a frequentar a escola, surgindo antes dos 18 anos. Por questões genéticas, os homens têm chances maiores de portarem essa patologia do que as mulheres. Vale ressaltar que a deficiência está associada a outras patologias, como exemplo do foro mental, físico ou do neurodesenvolvimento. Os principais transtornos são o déficit de atenção/hiperatividade, perturbação bipolar, depressão, esquizofrenia, perturbação de ansiedade, perturbação do controle dos impulsos, entre outros (APA, 2014).

1.3 Relação entre a Família e a Deficiência Intelectual

A chegada de um recém-nascido geralmente causa entusiasmo em um grupo familiar. Porém quando a criança possui o diagnóstico de deficiência intelectual, pode haver choque para os familiares, pois cria-se expectativas relacionadas a criança. Em muitos casos, quando surge o diagnóstico de deficiência intelectual os pais vivenciam inúmeros sentimentos em relação ao seu filho, tais como raiva, rejeição, revolta e culpa, por exemplo, podendo ser até um momento de luto (DESSEN & SILVA, 2000). A mudança desses sentimentos inicia-se quando se adapta e busca um bem-estar para a família e para a criança, reorganizando-se de tal forma a incluir a criança como pertencente àquele grupo (TAVEIRA, 1995). De acordo com Dessen & Silva (2000, p.14), "A família passa a exercer um papel fundamental, na medida em que propicia o crescimento e desenvolvimento dessas crianças através de um ambiente estimulador e de interações e relações saudáveis". O primeiro contato social é com a família, gerando aos responsáveis a necessidade de apropriar-se de conhecimentos necessários a melhor maneira de ensino à criança com deficiência intelectual. Leva-se em consideração que o ambiente familiar também pode causar dificuldades no desenvolvimento da autonomia da criança. Segundo Rodrigo & Palácios (1998), o desenvolvimento da criança com deficiência não está somente relacionado a dificuldades na sua aprendizagem, mas também com o ambiente familiar. Portanto relações saudáveis são fatores importantes.

Por meio do ambiente que está inserida, a família da criança com deficiência intelectual ensina-a a adaptar-se culturalmente, possibilitando a compreensão de suas crenças, valores e padrões. A criança se desenvolverá dentro dessa sociedade e assim poderá obter novas capacidades para ter uma qualidade de vida melhor.

2. A Criatividade na Deficiência Intelectual

Segundo Nero (2004), a criatividade quando citada gera dúvidas em relação ao seu surgimento e como o indivíduo torna-se criativo. Também quais fatores influenciam a pessoa criativa. Apenas no século XX iniciaram-se estudos para compreendê-la, havendo observações para entender

quais são as influências que levam ao potencial criativo.

Antigamente, a criatividade era considerada incomum em indivíduos que fossem muito criativos, pois havia uma teorização da criatividade com a saúde mental. Entre criatividade e psicopatologia há uma possível ligação teórica, apesar que ainda exista uma complexidade para identificar quais patologias podem inibir ou facilitar o processo criativo. A estes são relacionados alguns fatores, como o funcionamento criativo e os pensamentos incomuns, tendo em vista que a criatividade depende das características do indivíduo.

Segundo Alencar (2007, p.45), “[...] a necessidade de criar é uma parte saudável do ser humano, sendo a atividade criativa acompanhada de sentimentos de satisfação e prazer, elementos fundamentais para o bem-estar emocional e saúde mental”. Para o autor a criatividade é necessária, pois estimula-se o pensar e o agir de cada indivíduo, trazendo em suas influências, lembranças e sentimentos no momento da criação e auxiliando-o no emocional e na saúde mental. Quando se trata de criatividade, pesquisadores consideram que ela é presente em todos nós, pelo menos enquanto potencial. A criatividade pode ser aflorada contanto que não seja bloqueado por fatores diversos (CROPLEY, 1999). Nakano (2011, p. 311) define “... a criatividade enquanto potencial a ser desenvolvido em todos os indivíduos e, portanto, uma característica passível de ser incentivada e treinada”. Para os autores citados, a criatividade está presente em todo indivíduo, basta ela ser estimulada e valorizada, visto que pessoas portadoras de deficiência intelectual motivadas podem ser criativas. Vygotsky (1997, p. 134) ressalta que por meio do ensino existem possibilidades para compreender e enfrentar as limitações do portador de deficiência intelectual e “[...] atenuar as dificuldades que surgem da deficiência, mas tencionar todas as forças para a sua compensação [...]”. Embora sejam encontrados obstáculos na deficiência intelectual, bem como o ensino, o portador da deficiência consegue estímulos para manter-se equilibrado no momento da aprendizagem. Por meio de situações sociais propícias, a deficiência pode gerar habilidades favoráveis ao mesmo. Então, considera-se que o ensino não irá diminuir as dificuldades da deficiência intelectual, mas proporcionará uma melhora na sua compensação.

2.1 Processo Criativo como Ferramenta para Trabalhar em Alunos com Deficiência

No processo de criação, somos influenciados por ocorrências externas, internas, e também através do nosso subconsciente, no qual é formado por nossos desejos e também expectativas. Por meio de interferências diárias e momentos vivenciados no passado, elas tornam-se referências no processo de criação individual, torna-se a união nosso ser individual com a intervenção cultural. Para Ostrower (2009, p. 9), “criar é basicamente, formar [...]. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, e esta por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar”. Para Pavitra, Chandrashekas, Choudhury (2007, p. 34), “A imaginação criativa, os motivos criativos e os produtos criativos são únicos para os seres humanos e são a fonte de sua conquista cultural. A criatividade é uma habilidade de fazer novas combinações e é uma das qualidades humanas mais valorizadas”. Uma das características da criatividade que influencia a imaginação criativa é a cultura. Sua intervenção desenvolve os processos criativos do indivíduo dentro da sociedade que está inserido e também através de suas experiências vividas. Essa busca por novas soluções para problemas ou a forma de como lidar com imprevistos torna a criatividade uma das principais habilidades do indivíduo, tornando uma das qualidades mais valorizadas.

Ao longo dos anos surgem algumas conceituações sobre criatividade e suas combinações e Wechsler (1998, p. 91) conceitua o processo criativo para uma forma abrangente, onde encontra-se diferentes tipos de interações “...devem ser consideradas todas as possíveis combinações entre os seguintes elementos: a) habilidades cognitivas; b) características de personalidade; c) elementos ambientais”. Os elementos citados pela autora são combinações do processo criativo de cada indivíduo

relacionados as suas áreas de conhecimentos, suas características próprias e também no ambiente que está inserido. Essas combinações devem estar em harmonia, não apenas com o indivíduo criativo, mas também com a sociedade. Para Ostrower (2009, p. 11), “[...] a consciência e a sensibilidade das pessoas fazem parte de sua herança biológica, são qualidades comportamentais inatas, ao passo que a cultura representa o desenvolvimento social do homem.” O homem tem suas características distintas, algo natural que surge com heranças biológicas, ele tem seus objetivos, sonhos, desejos. Porém, ele se desenvolve e se molda dentro dos padrões da cultura que está inserido. A cultura torna-se referência em seu comportamento, seus costumes, linguagens e em seu processo criativo e as principais influências para um ser criativo estão associadas a fatores culturais, socioeconômicos, educacionais e pessoais (Eysenck, 1996/1999). De acordo com OSTROWER (2009, p. 55) “além dos impulsos do inconsciente, entra nos processos criativos tudo o que o homem sabe, os conhecimentos, as conjecturas, as propostas, as dúvidas, tudo o que ele pensa e imagina [...]”. Cada indivíduo possui suas próprias características em suas imaginações, sensações, desejos, várias fontes principais para ter um processo criativo.

3. Relacionando Design Thinking e Criatividade

Existem diversas maneiras de se abordar o design em relação aos tipos de profissões, como por exemplo design de produto, design de moda, design de ambiente. Para cada um existem suas técnicas e funcionalidades e todos com o objetivo de buscar inovação, estética e criação em seus produtos e serviços. Apesar de ser amplo quando falado em definição do design, existe um conceito no qual foi estabelecido pela organização International Council Societies of Industrial Design (ICSID)

O design é uma atividade criativa cujo objetivo é estabelecer as qualidades multifacetadas de objetos, processos, serviços e seus sistemas em ciclos de vida completos. Portanto, design é o fator central da humanização inovadora de tecnologias e o fator crucial do intercâmbio cultural e econômico (ICSID, 2000 cit.in MOZOTA; KLÖPSCH; COSTA, 2011, p.16)

A definição do design torna-se uma atividade de estratégias criativas com o objetivo de projetar algo novo ou solucionar problemas. Sempre com o intuito de inovação e tecnologia para as suas criações. O design e a criatividade juntos tornaram-se importantes nos fatores culturais e econômicos. Segundo Flusser (2007, p. 184), “design significa aproximadamente aquele lugar em que arte e técnica (e, conseqüentemente, pensamentos, valorativo científico) caminham juntas, com pesos equivalente, tornando possível uma nova forma de cultura”. Basicamente o design é uma junção da arte e técnica, pois uma tem capacidade de ser uma área criativa e a outra é uma área mais exata, tornando-se projetos mais práticos e, assim, criando uma nova cultura. O design é uma busca direta pela inovação, pois é dessa procura que surgem novos pensamentos e novas estratégias. Desta forma, Vianna et al. (2012, p.12) cita que “foi buscando novos caminhos para a inovação que se criou o que hoje é conhecido como design thinking: uma abordagem focada no ser humano[...]”. Portanto, muitas empresas estão aderindo ao design thinking e seu conceito de multidisciplinaridade, colaboração e tangibilização, buscando tornar o trabalho mais colaborativo, trazendo novos olhares para a questão a ser resolvida e novas formas de pensar o design.

Torna-se uma forma mais criativa de solucionar problemas com equipes multidisciplinares, e assim trabalhar um critério diferente no meio empresarial, onde todos podem expressar suas ideias. Para Brown (2010), o design traz muitas oportunidades e essa interação colaborativa faz com que o designer tenha experiências em novos caminhos e esteja aberto a outros meios criativos para inovar. Nesse contexto, o design thinking torna-se uma ferramenta para o processo criativo. De acordo com Brown (2010, p. 27), “Em uma equipe interdisciplinar, todos se sentem donos das ideias e assumem a responsabilidade por elas”. O design thinking transforma o trabalho em equipe, em uma maneira

onde todos possuem o mesmo objetivo, que é o bem-estar das pessoas e, através de pesquisas e troca de conhecimento, encontram soluções inovadoras.

O design é por natureza uma disciplina que lida com significados. Ao desafiar os padrões de pensamento, comportamento e de sentimento "Design Thinkers" produzem soluções que geram novos significados e que estimulam os diversos aspectos (cognitivo, emocional e sensorial) envolvidos na experiência humana (Vianna et al. 2012, p.14).

Os "designers thinkers" incluem significados aos seus produtos ou serviços, fundamentando-se nas observações, em seus padrões de pensamento, comportamento e sentimento, havendo uma forma de inovar não apenas no estético, mas que possa fazer sentido, envolvendo na criação a experiência humana. Busca compreender os problemas, sugerindo melhorias e gerando novas soluções para o projeto, produto ou serviço criando novas concepções e oportunidades.

3.1 Design Thinking como uma possível abordagem para trabalhar a criatividade de alunos com deficiência intelectual.

O Design Thinking é uma abordagem focada na criatividade e nas pessoas, é um método utilizado para o meio empresarial, pois é uma ferramenta que ensina novas habilidades na criação. É uma metodologia que pode ser trabalhada por qualquer pessoa.

O Design Thinking começa com habilidades que os designers têm aprendido ao longo de várias décadas na busca por estabelecer a correspondência entre as necessidades humanas com os recursos técnicos disponíveis considerando as restrições práticas dos negócios. Ao integrar o desejável ponto de vista humano ao tecnológico e economicamente viável, os designers têm conseguido criar os produtos que usufruímos hoje. O design Thinking representa o próximo passo, que é colocar essas ferramentas nas mãos de pessoas que talvez nunca tenham pensado em si mesmas como designers e aplicá-las a uma variedade muito mais ampla de problemas (BROWN, 2010, pág. 3).

Essa metodologia é uma abordagem inovadora e, quando apresentada e trabalhada, funciona gerando ideias criativas, inovadoras e diferentes. Mesmo destinada a empresas, é uma abordagem que pode ser aplicada a várias formas de problemas, não necessariamente no meio empresarial.

A ideia principal desta pesquisa é propor o design thinking como uma possível abordagem para trabalhar com alunos com deficiência intelectual, com o intuito de promover o estímulo da criatividade. Após a explanação dos conceitos, a proposta foi segmentada em cinco etapas para trabalhar o método de design thinking: descoberta, interpretação, ideação, experimentação e evolução. Baseado nos objetivos de identificar os problemas em salas de aula, gera novas possibilidades de interação entre os alunos.

A etapa de descoberta significa estar aberto a novas oportunidades, inspirar-se e criar novas ideias. Com a preparação correta, essa fase poderá proporcionar um bom entendimento do desafio. É necessário escolher o problema e entender quais as dificuldades nos processos criativos de alunos portadores de deficiência intelectual. Na interpretação tem-se a fase das observações, que podem ser através de conversas com pessoas que trabalham com esse público diariamente ou por meio da coleta de dados para criar insights, para encontrar os problemas e oportunidades. A ideação é a fase de geração de ideias. Nessa etapa pode-se ter ideias ousadas para gerar soluções para o problema compreendendo as limitações dos alunos, tendo em vista que o importante é quantidade e não qualidade, a ideia é criar diversas formas de oficinas que trabalhem a criatividade. A etapa de experimentação torna as ideias concretas. É a fase de compreender e pôr em prática a ideia, observando sempre as mudanças de comportamentos dos alunos e verificando quais são as interferências no

momento da criação. A última etapa é a evolução, nessa fase são construídos os próximos passos para verificar melhorias, compreender os pontos positivos e negativos de cada etapa (GONSALES, et. al, 2014).

O design thinking, portanto, é uma abordagem que incentiva a criatividade e está sempre em desenvolvimento, tornando-se um conceito de fácil entendimento para aplicar em alunos portadores de deficiência intelectual.

Segundo Gonsales et. Al (2014, p. 12), o

Design Thinking te dá a liberdade de errar e aprender com seus erros porque você tem novas ideias, recebe feedback de outras pessoas, depois repensa suas ideias. Dada a gama de necessidades de seus estudantes, seu trabalho nunca estará terminado ou "resolvido". Está sempre em processo. Há uma expectativa subjacente de que educadores devem se esforçar ao máximo para alcançar a perfeição, de que eles não podem cometer erros, de que eles devem sempre ser modelos perfeitos. Esse tipo de expectativa dificulta assumir riscos e limita as possibilidades de criar mudanças mais radicais. Mas educadores precisam experimentar também, e o Design Thinking permite aprender fazendo.

Assim, o design thinking torna-se uma abordagem que faz a diferença, pois estará sempre em desenvolvimento. É um processo que dá liberdade para erros e através deles aprender cada vez mais. Sempre criando novas ideias para chegar a soluções criativas de problemas complexos, buscando compreender as necessidades das pessoas, com o intuito de receber feedback para haver melhorias nas ideias. Uma forma de transformar os desafios em oportunidades, design thinking é simplesmente aprender fazendo.

Considerações Finais

A criatividade é a forma de pensar e agir de cada indivíduo e na deficiência intelectual, alguns estudos relacionam a criatividade com a saúde mental. A criatividade pode surgir em pessoas portadoras de deficiência intelectual. Através dos estudos apresentados, o design thinking torna-se uma possível abordagem para trabalhar com alunos especiais, a fim de se explorar sua criatividade. Compreendo os efeitos do potencial criador, o estudo permitiu ainda compreender a criatividade e entender um pouco mais sobre os fatores que influenciam o processo criativo, através das intervenções cotidianas e das experiências vivenciadas no passado, no qual são guardadas no subconsciente e, quando estimuladas, podem influenciar no processo criativo.

Propõe-se a aplicação dessa abordagem em alunos com deficiência intelectual moderada, a fim de estimular seu processo criativo, conhecendo os principais problemas e suas limitações, trazendo novas oportunidades de trabalhar a criatividade. O design thinking, por ser uma abordagem colaborativa, amplia as formas de trabalhar a criatividade nessas pessoas, compreendendo seus desafios e limitações. Uma forma de incluí-los na sociedade, mostrando que também são capazes de serem criativos, quando incentivados.

Design thinking é uma abordagem com intuito inovador de geração de ideias para soluções de diversos problemas. Após a relação entre os conceitos da deficiência intelectual e de design thinking, percebe-se que é possível fazer o uso dessa abordagem aplicada para este fim. Assim, dentre os objetivos estabelecidos previamente, para obter resultados mais concretos sobre o estudo, ressalta-se a importância do mesmo ser aplicado, na qual pode trazer uma visão maior sobre as etapas e seu funcionamento, trazendo novas perspectivas e pontos relevantes para a pesquisa.

Esse método possibilita a elaboração de oficinas de criatividade com alunos portadores de deficiência intelectual, criando dinâmicas para aplicar com esses alunos, a fim de compreender as

suas limitações. Por fim coletar dados, para averiguar melhorias e uma evolução para aplicar essa metodologia.

Agradecimentos

A Deus por ter me dado força para superar as dificuldades nesses três anos e meio de curso.

À instituição pelo ambiente criativo, amigável e as oportunidades que proporcionou na minha vida.

Ao meu orientador Dionatan pela elaboração desse trabalho, e o suporte pelo pouco tempo que lhe coube.

Aos meus familiares e amigas, que sempre estiveram ao meu lado e dando incentivo e apoio incondicional.

E a todos que de alguma forma me ajudaram direta ou indiretamente e fizeram parte desses três anos e meio de formação, o meu muito obrigada.

Referências

ALENCAR, E. M. L. S. **Criatividade no contexto educacional: três décadas de pesquisa**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 23, p. 45-49, 2007.

AMERICAN ASSOCIATION ON MENTAL RETARDATION: **definition, classification and systems of support**. Washington, DC, USA: AAMR, 1992.

ASSOCIATON, A.P. (2014). **Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais**. (6 ed.). Lisboa: Climepsi.

BROWN, Tim. **Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias**. Rio de Janeiro. Elsevier, 2010.

CASCAJO, A. & SACRITÁN, J. (2002). **Deficiencia Mental. Etiologia. Formas Clínicas. Aspectos Psicopatológicos**. (pp. 225-239). In: Sacritán, J. (Direc.). (2002) Psicopatologia Infantil Básica. teoria y casos clínicos. Madrid: Psicologia Piramide.

CARVALHO, Erenice Natália Soares; MACIEL, Diva Maria Moraes de Albuquerque. **Nova concepção de deficiência mental segundo a American Association on Mental Retardation-AAMR: sistema 2002**. Temas em Psicologia, v. 11, n. 2, p. 147-156, 2003

CROPLEY, A. J. (1999). Education. Em M. A. Runko & S. R. Pritzker (Orgs.), **Encyclopedia of Creativity** (Vol.1, pp.629-642). San Diego, CA: Academic Press.

CLAUDINO, Adelaide. **A orientação para a formação profissional de jovens com deficiência intelectual**. 1997. Tese de Doutorado.

DESSEN, Maria Auxiliadora; SILVA, Nara Liana Pereira. **Deficiência mental e família: uma análise da produção científica**. Paidéia, v. 10, n. 19, 2000.

EYSENCK, Hans. (1999). **As formas de medir a criatividade**. Em M. Boden (Org.), Dimensões da criatividade (pp. 203-244) (P. Theobald, Trad). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1996).

FIERRO, A. Los alumnos con retraso mental. **A. Marchesi, C. Coll y J. Palacios. Desarrollo psicológico y Educación III. Trastornos del desarrollo y necesidades educativas especiales**. Madrid. Alianza.(273-302), 1999.

FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac

Naify, 2007. 224p.

GONSALES, Priscila et al. Design thinking para educadores. **Instituto Educadigital, São Paulo**, 2014.

MATOS, Neuza Carina Gonçalves de. **Contributo para Aferição e Validação da Escala de Personalidade Criativa: Avaliação da Criatividade na Deficiência Mental**. 2011. 73 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade do Algarve: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Faro, 2011.

MORATO, Pedro Parrot. **Deficiência mental e aprendizagem: um estudo sobre a cognição espacial de crianças com trissomia 21**. 1998.

MOZOTA, Brigitte Borja de; KLÖPSCH, Cassia; COSTA, Filipe Campelo Xavier da. **Gestão do design: usando design para construir valor de marca e inovação corporativa**. Porto Alegre: Bookman, 2011. 343 p.

NAKANO, Tatiana de Cássia. **Programas de treinamento em criatividade: conhecendo as práticas e resultados**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 15, n. 2, 2011.

NERO, Sonia del. **Psicanálise e Criatividade**. São Paulo: Vetor, 2004. 171 p.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 186 p.

PAVITRA, K. S.; CHANDRASHEKAR, C. R.; CHOUDHURY, Partha. **Creativity and mental health: A profile of writers and musicians**. Indian journal of psychiatry, v. 49, n. 1, p. 34, 2007.

PESSOTTI, Isaias. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São Paulo: TA Queiroz, 1984.

RODRIGO, M. J., & PALÁCIOS, J. (1998). **Família y desarrollo humano**. Madrid: Alianza Editorial

SANTOS, S. & MORATO, P. (2002). Comportamento Adaptativo. Coleção Educação Especial, 8. Porto: Porto Editora.

SILVA, Nara Liana Pereira, DESSEN, Maria Auxiliadora. **Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança**. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 17, n. 2, p. 133-141, 2001.

TAVEIRA, R.M.T. (1995). **Privação auditiva precoce em crianças portadoras de síndrome de Down e suas implicações para o desenvolvimento da linguagem**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.

VIANNA, Maurício et al. **Design thinking: inovação em negocios**. Rio de Janeiro: Mjv Press, 2012. 162 p.

VIEIRA, F. & PEREIRA, M. (Coord.). (2003). **"Se houvera quem me ensinara..." A Educação de Pessoas com Deficiência Mental**. 2ª Edição. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

VYGOTSKY, L. S. Obras escogidas III. **Incluye problemas del desarrollo de la psique**. Tradução Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1995.

VIGOTSKI, L. S. Obras escogidas V. **Fundamentos de defectología**. Tradução Julio Guillermo Blank. Madrid: Visor, 1997.

WECHSLER, Solange Muglia. **Avaliação multidimensional da criatividade: uma realidade necessária**. Psicologia escolar e educacional, v. 2, n. 2, p. 89-99, 1998.